



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO DE CARVALHO
LICENCIATURA EM LETRAS

**GRAFITOS NAS CELAS DAS DELEGACIAS DE ITABAIANA E LAGARTO: UM
OLHAR ATRAVÉS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

ÉRIKA CONSOLATA DE OLIVEIRA

ITABAIANA (SE)
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO DE CARVALHO
LICENCIATURA EM LETRAS

**GRAFITOS NAS CELAS DAS DELEGACIAS DE ITABAIANA E LAGARTO: UM
OLHAR ATRAVÉS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

ÉRIKA CONSOLATA DE OLIVEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Federal de Sergipe (UFS) -
Campus Prof. Alberto Carvalho como parte
dos requisitos necessários à obtenção do título
de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Derli Machado de
Oliveira.

ITABAIANA (SE)
2018



ÉRIKA CONSOLATA DE OLIVEIRA

**GRAFITOS NAS CELAS DAS DELEGACIAS DE ITABAIANA E LAGARTO: UM
OLHAR ATRAVÉS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Federal de Sergipe (UFS) -
Campus Prof. Alberto Carvalho como parte
dos requisitos necessários à obtenção do título
de Licenciada em Letras.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira – UFS

1ª Examinadora: Prof.^a Daysi Mara Moreira de Oliveira - UFS

2º Examinador: Prof.

**ITABAIANA (SE)
2018**

Aos meus queridos sobrinhos:

Cézar Reis, Luna Raphaela e João Pedro.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo, por me permitirem chegar até o final dessa longa etapa.

Ao professor e coordenador Derli Machado, pelo apoio e contribuição na realização desse trabalho.

Ao meu querido pai (*in memoriam*), por ter-me ensinado as primeiras letras e conduzido pelo caminho da educação.

A minha amada mãe, por acreditar e apoiar-me em todos os meus sonhos.

Ao meu irmão pelo fato de existir!

Aos meus amigos de perto e de longe, que sempre estiveram na torcida por mim, em especial ao Wanderson Pontes, um amigo e irmão de todas as horas.

As companheiras de turma, Laís, Roselane, Célia, Genicleide, Orleane e Fernanda, por terem tornado a jornada acadêmica mais leve.

Aos companheiros de trabalho, em especial a Roséia e Vanusia, pelo apoio e compreensão nos momentos que estive ausente para realizar minhas atividades acadêmicas.

Aos meus familiares que se encontram em cada canto deste Brasil, mas que moram em um lugar comum: meu coração.

Ao meu amado marido, por me fazer significar diariamente a palavra AMOR.

Os condenados são...outro povo num mesmo povo; que tem seus hábitos, seus instintos, seus costumes à parte.

Marquet -Wasselot

RESUMO

O objetivo do presente trabalho consistiu em analisar os grafitos realizados por sujeitos que se encontram presos temporariamente em celas de delegacias. A proposta foi entender as relações sociais expressas nessa forma de comunicação com base nas temáticas abordadas nos discursos dos autores das inscrições. Dentro dessa finalidade, optou-se pela metodologia qualitativa, tendo como campo de pesquisa duas delegacias localizadas nos municípios sergipanos de Lagarto e Itabaiana. Coletaram-se dezenove imagens relativas aos grafitos, as quais foram utilizadas para compor o *corpus* de fundamentação do presente estudo. O material coletado foi submetido à Análise Crítica do Discurso. Os resultados indicam que, dentro do universo prisional pesquisado, existem afinidades do homem em situação de privação de liberdade com certas temáticas, utilizando-se do grafito como linguagem de interação e relação de poder.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Aprisionado. Comunicação. Grafito.

ABSTRACT

The objective of the present work was to analyze the graffiti made by subjects who are temporarily imprisoned in cells of police stations. The proposal was to understand the social relations expressed in this form of communication based on the themes addressed in the speeches of the authors of the inscriptions. Within this purpose, the qualitative methodology was chosen, having as field of research two police stations located in the municipalities of Lagarto and Itabaiana. Nineteen images related to graffiti were collected, which were used to compose the corpus of the present study. The collected material was submitted to the Critical Discourse Analysis. The results indicate that, within the studied prison universe, there are affinities of the man in situations of deprivation of freedom with certain thematic ones, using graphite as language of interaction and relation of power.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Imprisoned. Communication. Graphite.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Quantitativo de grafitos p/delegacia encontrados na pesquisa	19
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Estou preso, mas não morto”	16
Figura 2 - Hierarquia entre os presos de acordo com o crime cometido	21
Figura 3 – “Nóis é ruim mais tem o coração bom...!!!”	22
Figura 4 - Frase ofensiva à honra do policial militar.....	23
Figura 5 - Ameaça de morte ao policial militar.....	24
Figura 6 – “Quem inventou as grades não sabe a dor da saudade”	24
Figura 7 - Vida Loka	25
Figura 8 - PCC Comando	26
Figura 9- “Vamos fuma maconha”	27
Figura 10 - Desenho da <i>cannabis sativa</i> (maconha).....	27
Figura 11 - Referência ao amor de Danilo e Greicinha	28
Figura 12 - Referência ao amor de Matheus e Rejiane.....	28
Figura 13 – “Mãe te amo”	29
Figura 14 – “E ainda que eu ande ...”	29
Figura 15 – “Tudo posso naquele que me fortalece”	30
Figura 16 – “Creio em Deus Pai”	30
Figura 17 – “Jesus me proteja”	30
Figura 18 – “Deus é tudo pra nois e sempre sera”	31
Figura 19 – “Na fé de Deus”	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 GRAFITO	13
2.2 CONCEITO DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	14
2.2.1 O que é discurso?	15
2.2.2 Gênero Textual na percepção da ACD	17
3 METODOLOGIA	19
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	21
4.1 AVISO	21
4.2 FRASES	22
4.3 AMEAÇA	23
4.4 TEMÁTICA MUSICAL	25
4.6 APOLOGIA À DROGA	27
4.7 TEMÁTICA AFETIVA	28
4.8 TEMÁTICA FAMILIAR	29
4.9 TEMÁTICA RELIGIOSA	29
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

Para entender o propósito deste trabalho, ressalta-se que os estudos acadêmicos que dizem respeito a essa investigação surgiram ainda durante a disciplina de Produção Textual II, regida pelo professor Derli Machado que, na época, deu aos alunos a incumbência de realizar uma pesquisa, cuja proposta era analisar os inscritos em espaços públicos. Originou-se, assim, o interesse em pesquisar sobre os grafitos em celas das delegacias de Superintendência nos municípios de Itabaiana e Lagarto.

Naquela ocasião, vários questionamentos pessoais ocorreram sobre a problemática relacionada aos inscritos realizados pela comunidade prisional, tais como: O que escreve o sujeito confinado? Para quem escreve? Qual a intenção desses grafitos?

Cabe ressaltar que se adota a palavra grafito, provinda do termo *graffito* que, segundo Gitahy (2009), tem origem italiana e servia para definir inscrições ou desenhos de épocas antigas, riscados com pontas ou carvão em rocha, paredes e outros lugares. Desse modo, a expressão é empregada para caracterizar desde imagens de desenhos, símbolos, números, enunciados, até *tags*, e outras manifestações da linguagem. Portanto, opta-se pelos termos grafito ou inscritos para fazer referência ao *corpus* coletado na pesquisa.

Visando responder às questões levantadas, a pesquisa teve como principal objetivo analisar os grafitos realizados por sujeitos que se encontram presos temporariamente em celas de delegacias. De acordo com finalidade, realizou-se a investigação para identificar como os discursos desses enclausurados estabelecem um modo de ação sobre si e sobre o outro mediante suas práticas discursivas e práticas sociais, bem como as mudanças sociais que contribuem para afetar e moldar o perfil desses sujeitos.

Considerando o objetivo a ser alcançado, realizou-se uma revisão da literatura que serviu de orientação ao estudo e levou a optar por uma pesquisa de abordagem qualitativa, considerada adequada, segundo Bauer e Gaskell (2008), para lidar com interpretações das realidades sociais. A coleta de dados aconteceu através de procedimento metodológico específico, baseado em fotografias de grafitos.

Todos os grafitos foram registrados por meio de fotografias tiradas dentro de celas em delegacias de Itabaiana e Lagarto, municípios sergipanos, de onde foram conseguidas as imagens para o *corpus* desta pesquisa. No município de Lagarto foram selecionadas nove imagens obtidas na cela da delegacia local e dez em Itabaiana, totalizando dezenove imagens, cuja a seleção foi agrupá-las por temáticas e analisá-las a partir da concepção tridimensional

do discurso, proposto por Fairclough (2016), no que se refere a texto, prática discursiva e prática social.

Fairclough (2016) atribui à análise textual quatro categorias consideradas no campo texto: vocábulo, gramática, coesão e estrutura social. No campo da análise de práticas discursivas, o autor sugere que sejam considerados o processo de produção, distribuição e consumo do texto. Já no campo do discurso, enquanto prática social, o autor leva em conta as categorias hegemônica e ideológica, possibilitando compreender significados e construções da realidade identificáveis no discurso.

Em algumas temáticas ficaram evidenciados alguns gêneros, os quais foram trabalhados a partir do entendimento proposto pela Análise Crítica do Discurso e as teorias de Carolyn Miller (2008) e Charles Bazerman (2005), que trazem o conceito de gênero como ação social. Na análise dos dados pelo método teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), avaliou-se que a manifestação dessa linguagem evidencia problemáticas sociais por parte dos realizadores dos grafitos, ou seja, de homens que se encontram em situação de confinamento.

A apresentação desta pesquisa se desenvolve a partir do Capítulo 1, de caráter introdutório, em que se procurou construir o quadro geral da temática, expondo os objetivos, a pesquisa aplicada e, por fim, a divisão do trabalho.

No Capítulo 2 abordam-se os conceitos de grafito e Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo como referência a teoria de Fairclough (2016), que traz o modelo tridimensional do discurso e o método de análise, além do ponto de vista de vários estudiosos que tratam sobre a temática do discurso. O gênero, na concepção da ACD, não traz um conceito próprio, mas apenas um entendimento, tal como discutido por Bazerman (2005) e Miller (2008), que se referem ao gênero como ação social.

O Capítulo 3 trata dos aspectos metodológicos que envolveram a pesquisa, destacando-se o protagonismo do grafito como contexto de investigação teórica e empírica.

O Capítulo 4 refere-se à análise das imagens coletadas que são observadas por temáticas, trazendo evidências do discurso utilizado em ambiente prisional a partir das amostras coletadas.

Finalmente, nas Considerações Finais registra-se a conclusão da autora sobre o estudo realizado, seguida das referências que fundamentam este trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GRAFITO

O ato de escrever em paredes é tão antigo quanto à história da humanidade. Tal comportamento originou-se durante a pré-história, quando os seres primitivos produziam pinturas rupestres nas paredes ou abrigos que lhe serviam de moradias. Para Levy (2013), desde as pinturas rupestres, o homem da pré-história sentia necessidade de preservar registros de suas atividades e deixar uma marca para posteridade.

O uso da escrita se modernizou com o passar dos anos, porém o objetivo tanto dos homens nos primórdios da humanidade quanto dos indivíduos da contemporaneidade é transmitir, através dos grafitos, seus sentimentos e necessidades, assim como evocar o afastamento que pode existir entre os seres humanos.

Segundo reportagem publicada na revista *Veja*¹, para entender o termo grafito é preciso saber que a palavra grafite, na verdade, provém de duas outras: a primeira, no dicionário, corresponde ao substantivo feminino grafita; a segunda, grafito do gênero masculino, é mencionada nos livros e assumindo, cotidianamente, o significado de rabisco ou desenho pintado nos muros urbanos. Os dois termos, etimologicamente, têm uma origem comum no grego *grápho*, que significa escrever, gravar. Mas, o parentesco entre elas termina aí.

A primeira palavra grafite ganhou registro, em português, no ano de 1839, vinda do alemão *graphit*, algo como pedra de escrever, termo cunhado, em 1789, pelo mineralogista Werner para designar aquela variedade do carbono que, embora parente do diamante, não tem grande valor comercial, nem pretensões de eternidade, além da permanência que as palavras possam almejar. Existe também em português a forma grafita.

O segundo termo grafite, que pode ser grafado alternativamente como grafito, é mais jovem no idioma, mas tem raiz no italiano *grafitto*, que quer dizer inscrição antiga gravada na pedra. O fato é que os grafitos estão enraizados na cultura humana, executados com os mais variados tipos de materiais: lápis, tinta, *sprays*, carvão, dedo, objeto pontiagudo, gordura ou qualquer outro elemento que possa fazer emergir símbolos, desenhos, rabiscos, números, frases, *tags*, pinturas e tantas outras maneiras de transmitir uma comunicação que são

¹ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/grafite-entre-a-grafita-e-o-grafito/>> . Acesso em: 14 jan. 2018, 17: 48 hs.

conferidas quase sempre pelo anonimato. Seus suportes são múltiplos, indo de muros, prédios, assentos de ônibus, portas de banheiros e/ou até paredes de celas de delegacias.

De acordo com Viana (2007), os inscritos em espaços públicos tornaram-se habituais e ininterruptos na história em uma relação paradoxal, por um lado guardado, velado e codificado, restrito a determinado grupo, por outro lado, demasiadamente exposto. Assim, segundo Rocha (1992, p. 81), o grafito se constitui como “o traço individual de uma expressão pública”.

2.2 CONCEITO DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Conforme mencionado na parte introdutória deste trabalho, o estudo tem sustentação nas teorias da Análise Crítica do Discurso (ACD), também chamada de (ADC), termo que, inicialmente, apareceu no artigo do britânico Nornam Fairclough, publicado nos anos de 1985 no periódico *Journals Pragmatics*. A ACD só foi consolidada, enquanto disciplina, cinco anos depois, no simpósio realizado em Amsterdã, onde se reuniram vários estudiosos da área da linguística, entre eles Teun van Dijk (2000), Gunter Kress (2010), Theo Van Leeuwen e Ruth Wodak (1999) e Nornan Fairclough (2016), sendo este último o maior expoente na área da ACD, com propostas teórico-metodológicas das Teorias Sociais do Discurso.

ACD não se limitam apenas aos trabalhos de Fairclough, além de não ser uma disciplina voltada puramente para instâncias linguísticas, uma vez que suas abordagens são passíveis de se trabalhar de maneira multidisciplinar. O foco da ACD encontra-se nas relações dialéticas entre linguagem e sociedade, compreendendo o discurso como uma prática social, pois suas inúmeras abordagens são capazes de dialogar com outras ciências sociais.

Existe, por parte da ACD, um interesse por problemas sociais parcialmente discursivos, o foco não se encontra na interioridade dos sistemas linguísticos, os quais representam eventos discursivos, símbolos, contestação de hegemonia, de poder e construção das relações sociais. Assim como Resende (2006), é entendível que o texto só produz sentido em seu funcionamento.

Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistema de conhecimento e crença. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social. Não há, portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética (RESENDE, 2006 p. 27, apud FAIRCHOUGH, 2016).

Silva (2012) afirma que a ACD surge com a compreensão de um novo discurso que passa a ser focado como prática social e a linguagem como objeto, historicamente produzido e interpretado, em termos de sua relação com a estrutura de poder e ideologia.

2.2.1 O que é discurso?

É relevante se entender o termo discurso, proposto por Norman Fairclough (2016), dentro dos estudos da Teoria Social. Nessa perspectiva, a noção de linguagem vai muito além do uso da língua ou *parole* (fala), assim entendido pelo linguista Ferdinand Saussure (2006), que a identifica como inacessível aos estudos sistemáticos por ser uma atividade individual.

Existem vários pontos de vista acerca do discurso, tais como o de Pedrosa (2008 p. 128), que o define como “uma prática de representação e significação do mundo, constituindo e construindo esse mundo em significado”. Meurer (1997) define discurso como conjunto de afirmações articuladas à linguagem, expressão, valores e significados das instituições. Para Guimarães (2013), discurso é a linguagem em ação, revelando a própria prática que interpela os indivíduos historicamente determinados. Na visão de Cook (2001), discurso é o uso da língua, quer seja verbal ou não, durante uma atividade interacional com objetivo de comunicação. Segundo Bakhtin (1981), discurso é toda enunciação que envolve, pelo menos, duas vozes, a voz do eu e a voz do outro, sendo que, na construção dessas vozes, atuam diversas outras vozes oriundas das experiências dos integrantes, pois nenhum falante está sozinho no mundo.

Diferente de Saussure, Fairclough (2016) enxerga o uso da linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou o reflexo de variáveis situacionais, a qual tem várias implicações. A primeira implicação, na obra *Discurso e Mudança Social*, de Fairclough (2016), diz respeito ao discurso ser “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre o outro, como também um modo de representação”. O discurso, como modo de ação, é o uso da língua para expressar a relação social e pessoal que está presente em todo uso da linguagem. É essa condição de convívio social que o homem tem em compartilhar experiências de mundo, as diferentes condutas e a possibilidades de mudar e influenciar o outro.

A segunda implicação, vista por Fairclough (2016), traz essa relação dialética que existe entre o discurso e a estrutura social. O discurso é moldado e restringido pelas estruturas sociais. O linguista distingue três aspectos do poder criativo do discurso, por meio dos quais os indivíduos constroem ou criam realidades sociais. No primeiro aspecto destacado pelo

autor, o **discurso constitui na construção de identidades sociais** (refere-se à linguagem identitária, como essas relações são estabelecidas pelo sujeito no discurso, quais os tipos de Eu, quais posições do sujeito). Em alguns grafitos colhidos para esta pesquisa, é possível verificar a posição do sujeito como, por exemplo, na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – “Estou preso, mas não morto”



Fonte: Grafito em delegacia do município de Lagarto.

Conforme se apreende da Figura 1, o realizador do grafito confirma sua posição de aprisionado, mas lembra aos leitores que ainda existe e isto significa que, mesmo privado de sua liberdade, ele tem direito a um tratamento digno sem violência física ou moral e que também pode voltar ao convívio social, justamente, por ser um cidadão comum.

No segundo aspecto mencionado por Fairclough (2016), o discurso **constitui relações sociais entre pessoas**, corresponde às funções relacionais, ou seja, às relações sociais entre participantes do discurso, como elas são negociadas e representadas por meio do discurso. Por fim, o terceiro aspecto mostra o discurso como **construção de sistemas de conhecimentos e crenças**, com referência à função ideacional, como a linguagem de maneira geral, seja ela por meio de texto ou não, que vai dar significado ao mundo e seus processos, entidades e relações.

Fairclough (2016, p. 100) ainda sugere trabalhar uma análise tridimensional, explicando que o evento ou exemplo de discurso pode ser considerado, simultaneamente, em um texto (análise linguística), um exemplo de prática discursiva (análise de produção e interpretação textual), um exemplo de prática social (análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo).

Nessa discussão, Pedrosa (2008), tendo por base a teoria-metodológica de Fairclough (2016), revela que o discurso (e o texto) permite identificar o papel da linguagem na estruturação das relações de poder na sociedade. Na análise textual que aqui se realiza, ao

longo deste trabalho podem ser observadas em torno de alguns grafitos, várias temáticas que evidenciam seu cunho religioso, de ameaças, frases, ideológicas, musicais, apologias à droga e ao crime. Outra característica do corpus trazido para este estudo é o gênero religioso presente nos grafitos, chamando atenção pela quantidade de menções aos textos bíblicos ou frases com expressão de fé.

2.2.2 Gênero Textual na percepção da ACD

Ainda pela perspectiva da ACD, os gêneros, enquanto fruto de uma interação social, são vistos por Fairclough (2001) como um conjunto de convenções relativamente estável que parcialmente se apresenta e é associado com um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, a compra de produtos em loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico. Fairclough (apud MEURER 2005, p. 161). Cada gênero, portanto, ocorre dentro de um determinado contexto, envolvendo diferentes pessoas que leem e interpretam.

Para falar sobre gênero, é preciso esclarecer a origem do seu conceito. Gênero, como conceito discursivo, teve início na obra de Mikhail Bakhtin (1953/1997) que, ampliando uma discussão filosófica sobre a linguagem, estabelece que os gêneros discursivos não poderiam ser percebidos, por suas formas, como produto estático, mas compreendidos pelo viés dinâmico da sua produção. Segundo Bakhtin (1981), os gêneros do discurso são relativamente estáveis de enunciado.

Os textos estão relacionados à certa atividade da esfera humana, que utilizam a língua para elaborar seus enunciados vinculados às atividades sócio cultural. Assim, é preciso que se perceba, na situação do contexto ou das demandas situacionais identificadas pelos usuários e dentro das quais operam, a motivação dos participantes do discurso, assim como os efeitos por eles pretendidos e/ ou percebidos (CARVALHO, 2007). Sobre isso, diz Oliveira (2012, p. 1151): “Para a análise crítica do discurso, os textos têm relação intrínseca com a vida social; desse modo eles devem ser compreendidos em sua historicidade, que traz consigo também os aspectos culturais, dentre eles a identidade”.

Para Miller (2008) e Bazerman (2005), o gênero é o espelho da experiência de seus usuários, enquanto o texto é a materialização da experiência por meio da ação executada, da sua forma e de seu conteúdo. Bazerman (2005) também afirma que um texto que não é reconhecido por nenhum tipo, não teria *status* nem valor social, razão pela qual um gênero só existiria apenas à medida que seus usuários o reconheçam e o distingam.

No corpus desta pesquisa, encontram-se o gênero musical e os trechos bíblicos, os quais são analisados em consonância com métodos da ACD de Fairclough (2016), embora o autor não tenha produzido, especificamente, uma teoria para gênero, pois não existe uma sistematização para este tipo de análise, uma vez que é necessária uma interação com as estruturas sociais.

3 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2007), a pesquisa tem o objetivo de proporcionar resposta aos problemas apresentados. Envolve o processo de algumas fases que vão desde a formulação dos problemas, a apresentação até o término dos resultados. Nesse contexto, utilizou-se um estudo explanatório e descritivo de abordagem qualitativa, o *corpus* colhido foi analisado a partir das imagens coletadas por meio de fotografias sobre os grafitos encontrados em delegacias sergipanas. Relativamente à pesquisa qualitativa, de acordo com Godoy (1995), esta possui várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

A pesquisa que embasa o presente trabalho foi realizada em duas delegacias vinculadas ao Poder Judiciário do Estado de Sergipe. Uma delas situa-se no município de Itabaiana, localizada na microrregião do Agreste, e a outra em Lagarto, região centro-sul do Estado. As imagens foram capturadas na parte interna das celas, apresentando-se na tabela 1, a seguir, o quantitativo de grafitos que foram encontrados, fotografados e selecionados por categoria, nas delegacias de cada município.

Tabela 1 - Quantitativo de grafitos p/delegacia encontrados na pesquisa

Temática	Grafitos p/delegacia			
	Itabaiana		Lagarto	
	Fotografados (n)	Selecionados (n)	Fotografados (n)	Selecionados (n)
Religiosa	11	03	15	03
Afetiva	08	01	07	01
Apologia ao crime	02	01	02	
Apologia às drogas	02	01	02	01
Frases	05	-	06	01
Família	04	01	03	
Gênero musical	04	-	04	01
Aviso	02	01	02	
Ameaça	02	02	02	01
TOTAL	40	10	43	08

A oportunidade de adentrar nesses espaços restritos permitiu um olhar cauteloso no momento da análise das imagens, que parecem disputar por espaço nas paredes e teto. O apanhamento das imagens foi realizado no mês de agosto de 2017, após visitas previamente agendadas nas citadas delegacias, sendo autorizada a entrada nesses campos de pesquisa

durante o horário do banho de sol dos detentos, para que fosse evitado o contato com eles. Todas as fotografias foram realizadas com as presenças dos agentes carcerários, sem citar seus nomes por questão de sigilo, bem como dos delegados que deu a autorização para a pesquisa.

Os registros das imagens foram capturados por meio de um aparelho celular e de uma câmera digital de 12 *megapixels* de resolução. Cada uma dessas imagens foi interpretada como inscrição verbal, usando os tipos de escritas que nelas se apresentavam como distintas unidades para classificar os grafitos de acordo com categorias de conteúdo.

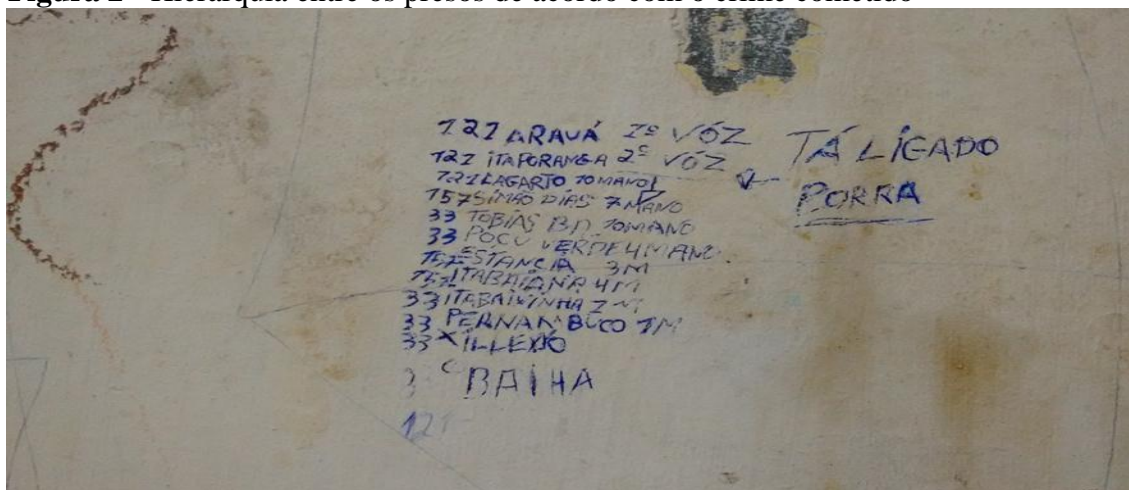
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise do material coletado se realizou por meio da ACD, dando condições de entender os grafitos como manifestação da linguagem usada pelos sujeitos privados de liberdade, além de produzir suas intencionalidades, quais características trazidas nesses escritos, o que essas mensagens revelam enquanto prática discursiva e social, quais os gêneros abordados, suas características sociais e as temáticas sociais neles assumidas. Pedrosa (2008), devido aos diferentes enfoques seguidos pelos analistas críticos do discurso, aceita a ACD não como um método único, porém como método que tem consistência em vários planos.

Conforme se apreende da tabela 1 (cf. Capítulo 3), na delegacia de Itabaiana foram fotografadas 40 imagens e 43 na delegacia de Lagarto. Do total geral de 83 fotografias para análise neste estudo, apenas 21,69% foram classificadas em 9 categorias que incluíram os temas: aviso (1,20%), ameaça (3,61%), apologia ao crime (1,20%), apologia às drogas (2,42%), afetividade (2,42%), familiar (1,20%), frases (1,20%), gênero musical (1,20%) e religioso (7,24%). Os resultados mostram as imagens separadas por temáticas, as quais serão analisadas ao longo deste Capítulo.

4.1 AVISO

Figura 2 - Hierarquia entre os presos de acordo com o crime cometido



Fonte: Foto da parede da delegacia de Itabaiana.

Uma análise mais complexa através da ACD é possível observar que esse grafito tem muito a dizer. Pela própria conjuntura prisional, é provável que os números estejam se referindo ao Código Penal Brasileiro, sendo eles: artigo 121 (crimes que atentam contra a

vida, como o homicídio, feminicídio, instigação ou auxílio a suicídio, infanticídio, aborto, lesão corporal grave ou seguida de morte e violência doméstica); artigo 157 (crimes referentes a roubo); e o artigo 33 (referente aos crimes de tráfico de droga).

Com base nos artigos da lei, é criada uma hierarquia do sujeito em relação aos outros enclausurados. Observa-se que, aqueles que estão confinados pelo artigo 121 do Código Penal são superiores aos demais presos tipificados por outros artigos penais. Esses artigos aparecem nas primeiras posições do discurso com setas apontadas para o que o realizador do grafito designa como “1ª voz e 2ª voz”. Ou seja, são esses sujeitos da “1ª voz e 2ª voz” que detêm o poder dentro desse espaço, havendo, em consequência, um chamamento que aparece na expressão “Se liga porra”, usada para chamar a atenção dos demais detentos.

É preciso considerar que, dentro da prática discursiva, esse tipo de mensagem só pode ser entendível de modo imediato para quem a consome, no caso, a própria comunidade prisional. Esse tipo de discurso é distribuído por quem estabelece uma identidade e poder, no caso os sujeitos da “1ª voz e 2ª voz”. Dentro desse discurso, outro registro diz respeito às localidades registradas correspondendo aos municípios que aparecem de maneira explicitada pelo realizador – Arauá e Itaporanga – possivelmente as cidades de origens desses presos. Embora as cidades surjam de forma evidente nas mensagens, os nomes dos aprisionados não são revelados.

Conforme Resende (2006), os significados das palavras e a lexicalização de significados não são instruções individuais e sim variáveis construídas, socialmente contestadas. Complementa Fairclough (2016, p. 230) dizendo que as palavras “são facetas de processos sociais e culturais mais amplos”.

4.2 FRASES

Figura 3 - "Nóis é ruim mais tem o coração bom...!!!"



Fonte: Foto da parede da delegacia de Lagarto.

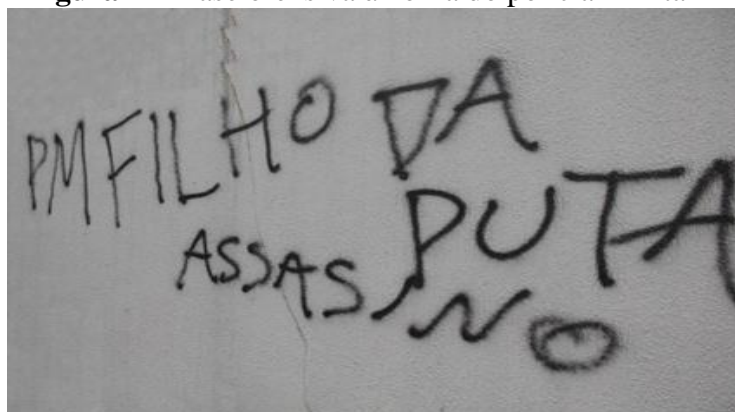
O autor do grafito apresentado na figura 3, inicialmente traz a ideia de representação do coletivo através da terceira pessoa do plural “nois” (nós), uma representação que se torna negativa ao declarar que “nois é ruim”. O uso da conjunção “mais” (mas) revela uma tentativa de neutralizar a oração anterior com “tem o coração bom”. Existe uma relação entre o reconhecimento social e a identidade, uma vez que a identidade se relaciona com a interpretação da pessoa de quem ela é e suas características enquanto ser humano. Essa identidade se modela em parte pelo reconhecimento ou falta dele (TAYLOR, 1993 p. 43-44).

Essa relação entre reconhecimento e identidade social trazida por Taylor (1993), permite que se perceba uma ambivalência dentro do enunciado. Primeiro, a relação de identidade tem uma representação de um grupo, cuja imagem representativa é negativa, depreciada em si, podendo ser explicada pelos ilícitos cometidos por aquele grupo. O fato do realizador do grafito entender que o reconhecimento social visto pela comunidade externa, acaba construindo uma imagem de delinquentes, de indivíduos ou de grupos criminosos e violentos que não merecem confiança por parte da sociedade.

De maneira aparentemente irônica ou não, o autor do grafito finaliza, de forma explícita, que tem bom coração, o que demonstra a consciência de que naturalmente o homem nasce bom, mas acaba se perdendo e errando em algum momento da vida. Esse grafito faz lembrar a concepção do filósofo Rousseau (1997) sobre o homem social: “O homem nasce bom e a sociedade o corrompe”. Contrapondo-se a essa ideia, o psiquiatra e escritor brasileiro Cury (2008) evidencia que essa concepção de o homem nascer bom e se corromper, merece um reparo, uma vez que ele nasce neutro e o sistema social educa ou realça seus instintos, liberta seu psiquismo ou aprisiona, sendo que, na maioria das vezes, aprisiona.

4.3 AMEAÇA

Figura 4 - Frase ofensiva à honra do policial militar



Fonte: Foto da parede da delegacia de Itabaiana.

Figura 5 - Ameaça de morte ao policial militar



Fonte: Foto da parede da delegacia de Itabaiana.

São recorrentes os discursos e caráter ameaçador deixados nas celas das delegacias, ainda que no Código Penal esteja previsto que ameaçar alguém por palavra, escritos ou gestos, ou qualquer outro meio simbólico, que cause mal injusto ou grave, torna o sujeito passível de pena de detenção por um ano e seis meses, bem como o pagamento de multa. Embora seja crime ameaçar alguém, os autores dos inscritos destacados nas figuras 4 e 5, parece não temer a punição. O desabafo por parte de seus realizadores, suas produções discursivas soam de forma direta para quem pretendem atingir, nesse caso, os policiais civis ou militares, pois são eles que possuem as tarefas ostensivas e preventivas da ordem pública, de condução dos infratores até o sistema prisional.

Os agentes de segurança pública estabelecem dentro da prática social uma posição de hegemonia, existindo, neste sentido, uma relação de cima para baixo. Na figura 6, a seguir, outro aspecto é revelado, embora não seja uma ameaça, mas uma frase de protesto.

Figura 6 – “Quem inventou as grades não sabe a dor da saudade”

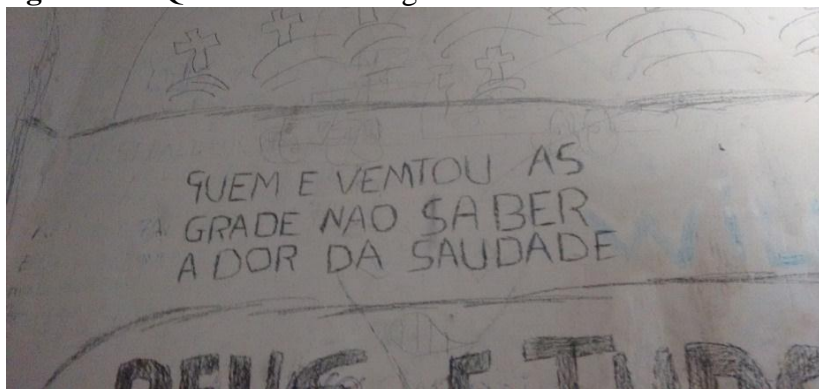
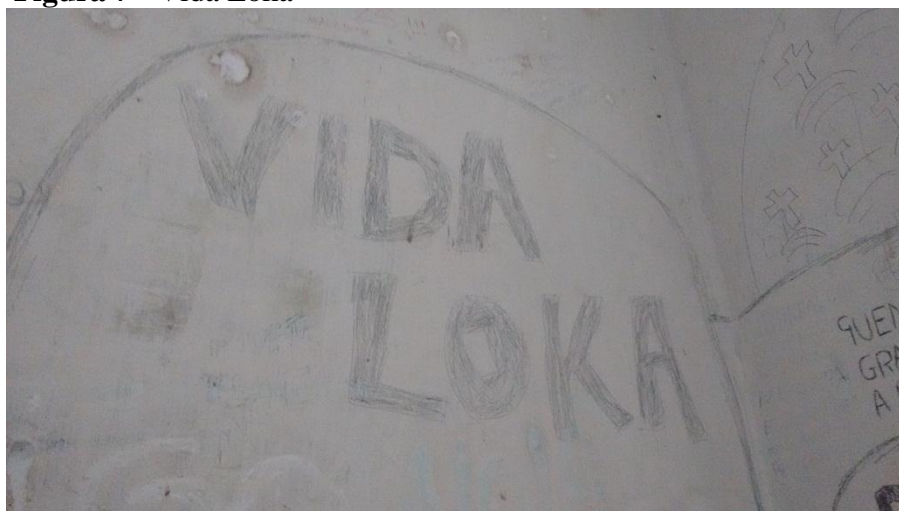


Foto: Foto da parede da delegacia de Lagarto.

Dentro de uma análise discursiva entende-se que o sujeito registrado pelo pronome “quem” representa simbolicamente a esfera do Estado ou alguém que exerce hegemonia para garantir a ordem da instituição prisional. É ele, portanto, esse sujeito inventor das grades e causa bloqueio impedindo o convívio social. A palavra grade parece simbolizar a separação entre as relações sociais que um dia existiram entre esses indivíduos, a grade constitui a separação dos dois mundos: um externo, distante, que é lembrado e ressignificado pelo substantivo saudade, um sentimento melancólico ocasionado pelo próprio afastamento social; o outro, o mundo interno, representado pelo sofrimento, pela quebra de uma aliança, que existia entre esses dois mundos, representada pela dor.

4.4 TEMÁTICA MUSICAL

Figura 7 - Vida Loka



Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Lagarto.

Observa-se que o gênero musical é algo que se repete em todas as celas visitadas, inclusive outra característica que chama atenção é a afinidade que o preso tem por um determinado estilo musical, no caso as músicas de Racionais Mc's, nome do grupo musical que também aparece espalhado nas celas. É importante esclarecer que esse grupo de *rap* surgiu, em meados dos anos de 1980, trazendo, em suas letras, expressões típicas do gueto, com discursos geralmente contra a opressão à população marginalizada das periferias de São Paulo, cidade de origem do mencionado grupo.

O desejo de fazer menção ao nome do grupo ou do nome da música é uma maneira de deixar transparecer afinidade e de se sentir ideologicamente representado pelo estilo de discurso que as músicas quase sempre retratam da vida prisional. São letras que, às vezes dialogadas, falam de forma a mostrar as dificuldades do mundo dentro e fora da prisão.

Talvez seja esse direcionamento para mostrar uma realidade presente nas músicas que atraem os enclausurados para esse gosto musical, conforme se pode observar na seguinte transcrição:

Vida loka

Parte I:

(..)

Ando certo pelo certo, como 10 e 10 é 20
Já penso doido, e se eu tô com o meu filho no sofá
De vacilo desarmado era aquilo
Sem culpa e sem chance, nem pra abri a boca
Ia nessa sem sabe (pô cê vê) vida loka. (...)

Na Vida loka

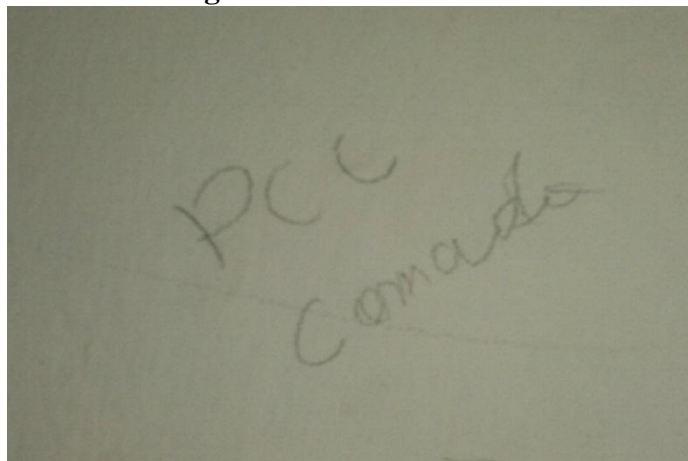
Parte II

(...)

Tira o zóio, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra
E eu não era assim, eu tenho ódio
E sei que é mau pra mim
Fazer o que se é assim
Vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora
E eu prefiro rosas. (..)

4.5 APOLOGIA AO CRIME

Figura 8 - PCC Comando



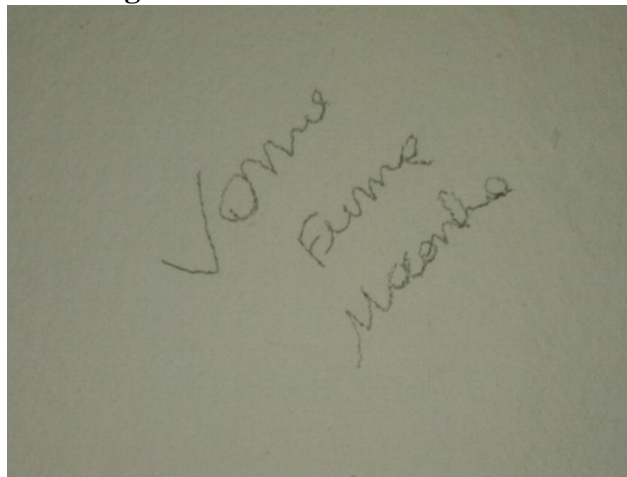
Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana.

Alguns grafitos fazem menção as siglas do PCC e outras facções criminosas. O primeiro comando da capital, também conhecido como PCC, atua principalmente em São Paulo, mas também possui membros de seu bando espalhados em outros sistemas penitenciários brasileiros. São homens que lideram vendas de drogas, roubos a cargas e

bancos. A justificativa de inúmeros grafitos referindo-se ao PCC pode ser encontrada no fato de ser uma forma de lembrar que alguém, ali preso, compartilha das mesmas ideologias, expressando, desse modo, admiração ao bando. Vale ressaltar que essa organização criminosa chama atenção pelo seu grau de poder em monopolizar o crime dentro e fora dos presídios.

4.6 APOLOGIA À DROGA

Figura 9- “Vamos fuma maconha”



Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana

Figura 10 - Desenho da *cannabis sativa* (maconha)



Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Lagarto.

Na primeira imagem, há um convite para o uso da droga, notando-se que o verbo traz uma ideia de intimidade, pois “vamos” refere-se ao coletivo. A forma anônima acoberta a ação realizada, de certa forma ganha liberdade para que isso seja escrito sem problemas. Fairclough (apud RESENDE, 2006, p. 153) explica que ideologia é, em princípio, representações, mas “pode ser legitimada em maneira de ação social e inculcadas nas identidades de agentes”.

O outro grafito simboliza uma planta que se presume referir à maconha. É notável que não houve convite expresso em palavras, mas é uma apologia implícita que incita ao consumo dessa erva.

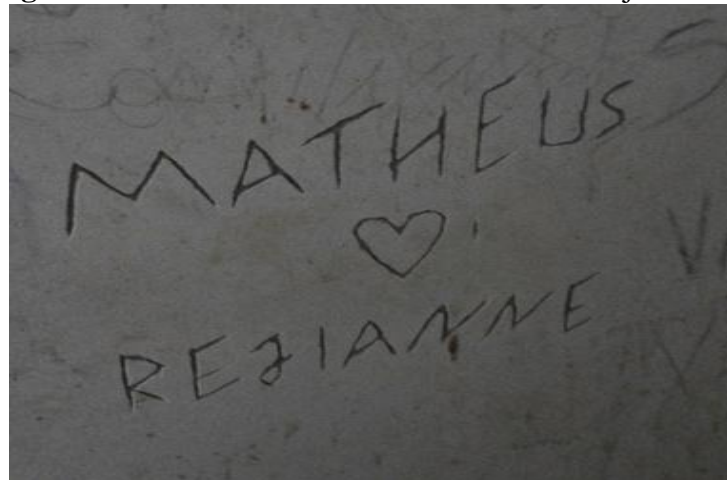
4.7 TEMÁTICA AFETIVA

Figura 11 - Referência ao amor de Danilo e Greicinha



Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana.

Figura 12 - Referência ao amor de Matheus e Rejiane



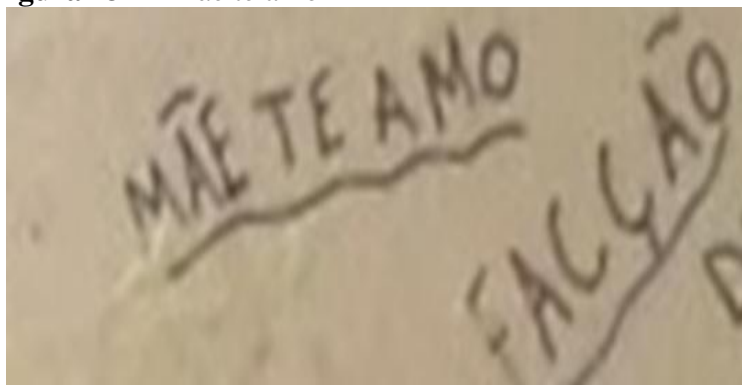
Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Lagarto

No ambiente prisional, a grande maioria dos grafitos aparece de forma anônima, mas quando esses nomes aparecem são relativos às pessoas e imagens de coração, próximos aos nomes grafados. Daí se concluir que são mensagens de cunho afetivo, carregadas de sentimentos, os quais nem sempre são possíveis de analisar por se tratar de um amor ágape ou conjugal. Algumas imagens, por exemplo, possuem a figura do coração, remetendo ao amor, ao carinho. São gestos visíveis que aparecem de forma perceptível para quem as veem.

Embora os desenhos dos corações seguindo os nomes possibilitem interpretar que ali é uma pessoa que precisa ser lembrada carinhosamente, já que a presença física não se faz possível. Concorde-se com Charaudeau (2009, p. 113) quando este destaca que nomear é uma atividade que se interessa pelos seres enquanto tais, e as classificações que os organizam se apresentam como agrupamentos em constelações em torno de núcleos que constituem seu ponto de referência. O sujeito faz existir seres significativos no mundo ao classificá-lo.

4.8 TEMÁTICA FAMILIAR

Figura 13 – “Mãe te amo”

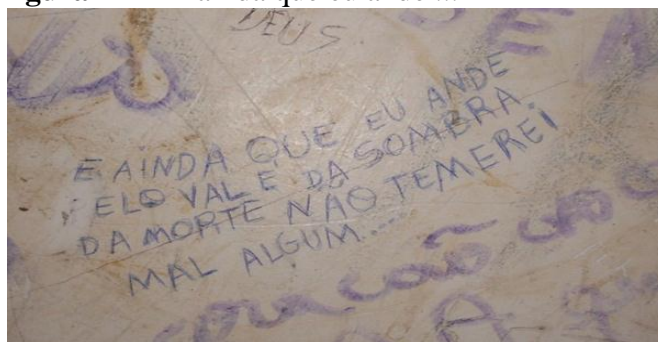


Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana.

Pode-se fazer uma relação de palavras que aparecem com maior frequência nas celas das delegacias e, mesmo sem arriscar números, afirma-se que são elas: Mãe, Jesus e Deus. Dentro de um padrão sociohistórico, a figura mãe sempre foi lembrada por seu importante papel social, sua representação tem um molde a simbolizar: o amor, a proteção, o educar e o compadecer-se de seus filhos. Os presos enaltecem a palavra mãe, sendo facilmente encontrada nas paredes. Mãe parece ser uma representação divina.

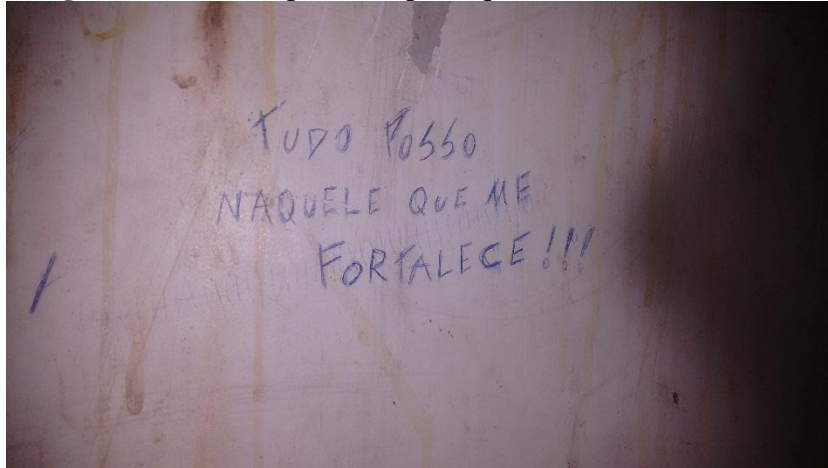
4.9 TEMÁTICA RELIGIOSA

Figura 14 - "E ainda que eu ande ..."



Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana

Figura 15 – “Tudo posso naquele que me fortalece”



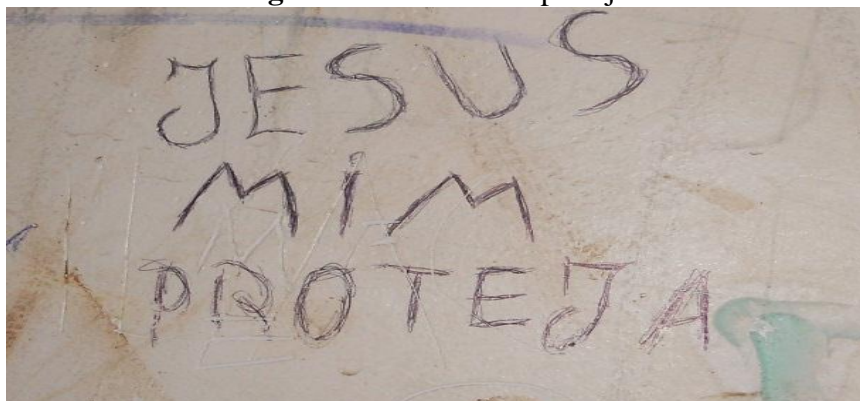
Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana.

Figura 16 – “Creio em Deus Pai”



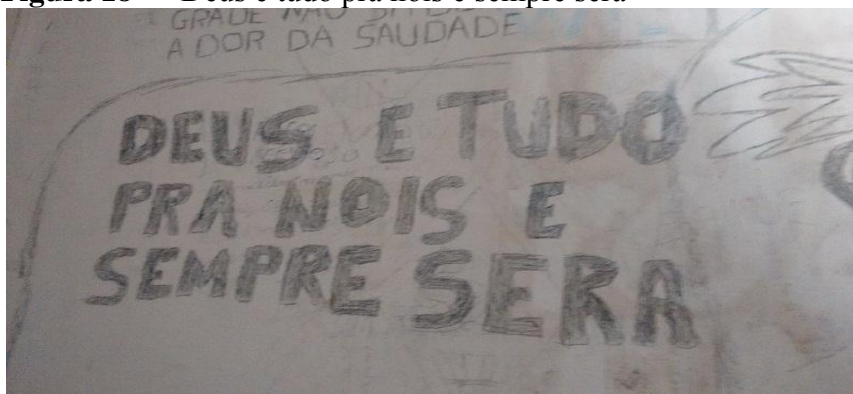
Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Itabaiana.

Figura 17 – “Jesus me proteja”



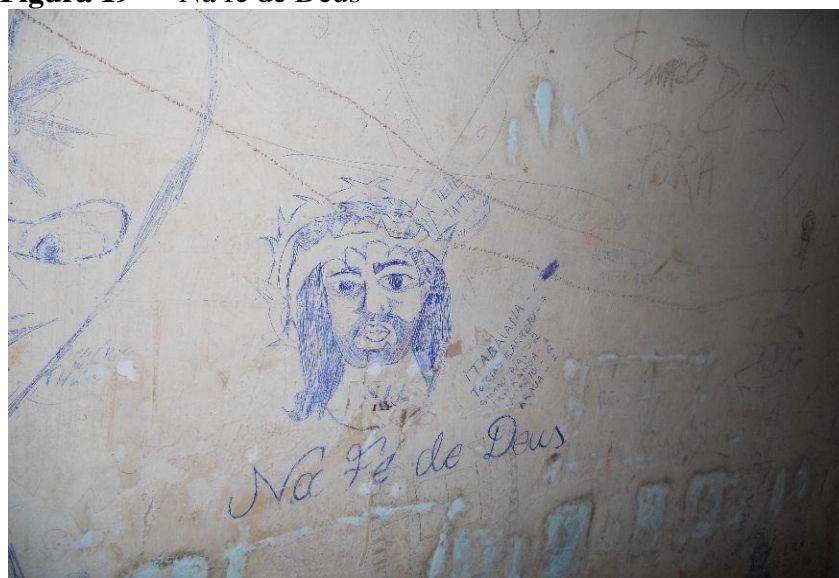
Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Lagarto

Figura 18 – “Deus é tudo pra nois e sempre sera”



Fonte: Foto tirada da parede da delegacia de Lagarto

Figura 19 – “Na fé de Deus”



Fonte: Foto tirada da parede de delegacia de Lagarto

Os discursos podem ser frequentemente encaixados em outros tipos de discursos, pois a própria mudança social influencia na prática discursiva. É significativo o número de grafitos que estão relacionados ao textos bíblicos dentro das celas, transmitindo uma ideologia acerca da fé. Notavelmente, esses inscritos aparecem de forma a demonstrar que o sujeito realizador está em busca de uma relação com o divino, considerando Deus ou Jesus Cristo como seres superiores, capazes de proteger, perdoar, ajudar e compreender o ato infracional.

Desse modo, ora os trechos bíblicos aparecem como elementos afirmativos de força, triunfo e poder, ora ressaltam o aspecto que, apesar do homem estar preso, ter cometido algum delito, não se distancia das relações religiosas, pelo contrário, há uma necessidade de aproximação.

Quando sujeito realizador do grafito “*ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte não temerei mal algum...*” fez menção ao gênero poético do livro de Salmos, capítulo 23, versículo 4, usa um texto que não é seu originalmente, mas o reproduz para confirmar o reconhecimento daquela escrita bíblica. O passar pelo vale da morte pode parecer algo temeroso, assim como a própria condição de estar confinado, mas no fato de não temer, há um triunfo sobre essa situação de clausura, reforçado pela crença. Outros efeitos ideológicos são resgatados para representação do sagrado: capelas, desenhos do rosto de Jesus Cristo, cruz entre outros elementos símbolos da fé.

CONCLUSÃO

Na pesquisa realizada, não se buscou adentrar nos parâmetros jurídicos legais, embora este trabalho tivesse o objetivo de analisar grafitos dentro de delegacias localizadas nos municípios sergipanos de Lagarto e Itabaiana. De forma investigativa, buscou-se construir o *corpus* a ser analisado, o que se realizou por meio da abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD), método analítico que permitiu direcionar o entendimento para um universo singular e, ao mesmo tempo, tão plural, como da prisão.

Tendo como embasamento os métodos teóricos da ACD, observou-se que os grafitos realizados pelos encarcerados estabelecem um modo de ação e, embora o uso da linguagem apareça de maneira rudimentar, não impede que haja manifestação, através do discurso, de diferenças hierárquicas, evocação de sentimentos, manifestações ideológicas ou conforto pela fé. Determinados indivíduos posicionam-se de maneira hegemônica para estabelecer certa hierarquia dentro dos espaços prisionais pesquisados, deixando transparecer suas ideologias, suas crenças, sendo notável a presença de alguns gêneros dentro dessa prática.

Notou-se que os discursos eram mediados por outros discursos, nos quais algumas temáticas apareciam de maneira semelhante em ambas as delegacias, tornando evidente a existência de certo interesse por algumas estruturas sociais, tal como a família e a religião. Em uma análise mais aprofundada dos discursos, elementos do texto escrito contrariaram o estereótipo dos presos como indivíduos não emocionais, quando se observou a frequência com a qual nomes como Mãe, Jesus e Deus apareciam nos grafitos, revelando um sentimento positivo produzido nas mensagens.

O destaque para a figura materna permite dizer que esta é lembrada por seu importante papel social, cuja representação tem um molde a simbolizar: o amor, a proteção, o educar e o compadecer-se de seus filhos. É fato, portanto, que os sujeitos privados de liberdade enaltecem a palavra mãe, facilmente encontrada nas paredes das delegacias, em contexto que se assemelha a uma representação divina. Nesse sentido, é preciso levar em consideração a própria condição desse sujeito enclausurado que, distante do convívio social e a própria mudança de seu espaço social, expressa, em suas práticas discursivas, uma linguagem visual particular que cada um vê e interpreta à sua maneira.

Sem outra pretensão que não a de mostrar a importância dos registros por meio de grafitos para o indivíduo em situação de aprisionamento, chega-se à conclusão que estas

gravuras correspondem a um canal de acesso ao imaginário humano, pelo qual o preso acaba por revelar interessantes aspectos de sua personalidade, de se afirmar como ser humano.

Uma afirmação evidente é que o grafito faz parte da realidade dos indivíduos nas duas delegacias pesquisadas, apontando para uma problemática de ordem social que a sociedade tem consciência, mas prefere não lidar com ela, por ter claro que a estrutura prisional destina-se a coibir, vigiar e punir, quando sua finalidade também deveria ser de ressocializar esses indivíduos por meio da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1953.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BURKE, P. **Violência urbana e civilização**. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, 1999.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007, p. 130-149.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

COOK, G. **The discourse of advertising**. London: Routledge, 2001.

CURY, A. **O vendedor de sonhos**. 5. ed. São Paulo: Academia da Inteligência, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: UNB, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. (Coleção Primeiro Passo). São Paulo: Brasiliense, 1999.

GUIMARÃES, E. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2013.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresa**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London, New York: Routledge, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LOUSADA, E. G. et al. (Org.). **Diálogos brasileiros no estudo de gêneros textuais/discursivos**. Araraquara: Letraria, 2016.

MEURER, J. J. Esboço de um modelo de produção de textos. In: MEURER, J. J.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: UFSM, 1997, p. 13-28.

MEURER, J. J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros, teorias, métodos e debates**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Universitária da UFPE, 2008.

OLIVEIRA, Derli Machado de. Representação social da mulher no discurso publicitário: uma perspectiva da análise crítica do discurso. **Cadernos do CNLF**, v. XVI, n. 04, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_1/101.pdf>. Acesso em: 01 fev., 2018.

PEDROSA, C. E. F. **Análise crítica do discurso**: do linguístico ao social no gênero midiático. São Cristóvão: UFS, 2008.

PEREIRA, P. P. G. **O terror e a dádiva**. Goiânia: Editora Vieira; Cãnone Editorial, 2004.

RESENDE, V. M. **Análise crítica de discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA, R. L. de M. R. **A vertigem do olhar**. Manifestações grafitadas e a transformações na comunicação, no espaço e no tempo urbano. 1992. 275 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Instituto Moreira Salles (IMS), São Bernardo do Campo, 1992.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. Ensaio sobre a origem das línguas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, D. E. G. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro: por uma transdisciplinaridade. **Eutomia** - Revista literária y linguística. Brasília, v. 2, p. 224-243, ago. de 2012.

TAYLOR, C. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

VAN DIJK, T. **Cognição, discurso e interação**. Rio de Janeiro: Linguística Contexto, 2000.

VAN LEEUWEN, T.; WODAK, R. Legitimizing immigration control: a discourse-historical analysis. **Discourse studies**, v. 1, n. 1, p. 83-118, 1999.

VIANA, M. L. D. **Dissidência e subordinação**: um estudo dos grafites como fenômeno estético/cultural e seus desdobramentos. Minas Gerais, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VPQZ-73GR8Z>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

